

Foto: Fernando Amorim



Água empoçada ajuda a multiplicar insetos no Vale das Muriçocas

Muriçocas infernizam a vida dos moradores da periferia

Os bairros periféricos da cidade estão em pé de guerra contra um inimigo comum e numeroso: as muriçocas. Do bairro da Valéria ao Vale das Muriçocas, que levou esse nome por causa da praga que perdura até hoje, ninguém escapa da maldição que ocorre a cada verão. Além do calor que este ano somou-se ao “mormaço” atípico, o barulho e as picadas dos insetos não deixam ninguém dormir e provocam irritações de pele tanto em crianças quanto em adultos. “Só alivia quando passa aquele carro de fumacê”, comentou uma das antigas moradoras do Vale das Muriçocas, Edileuza Gonzaga Rodrigues, quase 40 anos, referindo-se à ação municipal de combate aos insetos.

O Centro de Zoonoses da Secretaria de Saúde do Município, por seu turno, está ultimando os preparativos para a operação. Por enquanto, de acordo com informações da assessoria de comunicação do órgão, está promovendo ações educativas visando a prevenção contra a concentração dos insetos, tais como perfurar qualquer recipiente sem uso, a exemplo de latas, garrafas e copos plásticos, vasos e pneus.

Na próxima semana, segundo a subgerente do órgão, a data e locais para aplicação de inseticida serão definidos. A ação será realizada em conjunto com a Fundação Nacional da Saúde e consiste na borrifação de inseticida em ultrabaixo volume (ubv), que elimina tanto a muriçoca quanto o *Aedes aegypti*, mosquito transmissor da dengue.

O tipo mais comum de muriçoca é o *Culex quinquefasciatus*, que tem duas fases distintas em seu ciclo de vida. A primeira é a aquática, quando a fêmea deposita em torno de 400 ovos em águas paradas, dos quais saem mosquitos depois de 11 dias para uma vida de cerca de dois meses de vida - tempo curto, mas o suficiente para infernizar a vida de toda uma comunidade. E só as fêmeas, pois os machos se alimentam de seiva vegetal, apenas. Além das irritações de pele, as muriçocas, segundo a assessoria do órgão, podem transmitir elefantíase - doença causada por um helmintio (filariose bancroftiana) uma espécie de verme que habita os vasos sanguíneos e gânglios linfáticos.

Vale não tem infra-estrutura

No antigo Vale da Muriçoca, agora Rua Sérgio Carvalho, a população se multiplicou, a ocupação cresceu mais desordenada ainda, alguns dos barracos transformaram-se em verdadeiros sobrados e até mansões. Mas os problemas de infra-estrutura continuam. Lixo nas encostas, mau cheiro do canal de esgotos que corta o vale são os dois principais fatores que favorecem a presença das muriçocas, para terror dos habitantes do local. “Ninguém dorme de noite. Não tem quem agüente”, comentou dona Cristina Silva, que mora no alto da encosta, no lado do Engenho Velho da Federação, mas nem assim escapa do ataque dos insetos. “O pior nome já diz tudo”, complementou o vigilante Joceval Conceição, vizinho de bairro de dona Cristina.

Na parte baixa, o sossego de Djanira de Oliveira, que mora

há 15 anos no local, também acabou. Ela se encontra em situação pior porque sua casa fica à margem do canal de esgotos, obrigada a suportar o odor fétido da água e as muriçocas. “Ano passado não teve tanto, mas este ano está horrível. É a sujeira. Jogam de tudo nesse canal”, reclamou. “Nada melhora a situação - já queimei pano e até casca de ovo”, observou a vizinha Vitalina Gomes que mora no local há uns 30 anos e nunca viu o quadro melhorar. “Fechar a casa? Quando a gente fecha as portas, já está tudo lá dentro”, disse enumerando as alternativas para repelir o inseto. “A gente não sabe o que é pior, o zumbido dela no ouvido ou a picada”, acrescentou Cristina Silva, que agora testará a lavanda de alfavema para afastar a praga.